

B O L E T I M D O



ENCONTRO DE ADOLESCENTES
E JOVENS VIVENDO COM HIV/AIDS
REGIÃO SUDESTE



Editorial

Em pleno feriado prolongado aconteceu em São Paulo de 09 a 12 de outubro de 2010 o I Encontro da Região Sudeste de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids.

É com grande alegria que apresentamos através deste Boletim o resultado de uma longa trajetória de fortalecimento de adolescentes e jovens afetados pela epidemia.

Este evento teve como característica marcante a presença e participação ativa de jovens na comissão organizadora, contando com o suporte de alguns adultos. Os jovens se preocuparam desde a escolha do local onde seria realizado o encontro até os temas e em que formato eles seriam discutidos.

Durante a leitura você terá a oportunidade de verificar que estamos em um processo de mudança na discussão ao redor da temática de adolescentes, jovens e HIV/Aids. Os jovens saíram do papel de ouvintes e assumiram a produção autônoma dos seus discursos: jovens falando para jovens.

Boa leitura!

Expediente

Equipe:

Andrea P Ferrara, Ricardo Tomio Akiyama, Solange S Queiroz

Jornalista:

GIV – Grupo de Incentivo à Vida
Rua Capitão Cavalcanti, 145
V Mariana CEP: 04017-000
São Paulo – SP

Tiragem: 2.000 exemplares

Encontro Sudeste

Muito encontro, nenhum desencontro. Sem perceber, nos encontramos nas experiências de vida do outro, nas alegrias, fantasias, loucuras e agônias. Aprendendo a lutar sabendo por que, sabendo por quem e sabendo onde, sempre com objetivo de um todo. Assim se transforma e forma a REDE, sempre pensando diferente, com nossas asas da liberdade. E é neste par de asas longas e verdes, que encontramos as repostas de perguntas ignoradas por uma sociedade ignorante... Perguntas que ficaram sem respostas, pessoas que ficaram vazias com as dúvidas, mas que hoje se emocionam ao verem sua liberdade resgatada, sua vida entendida com sua fé renovada... Juntos nessas asas voamos para bem alto... Mais alto do que podíamos, mais alto do que nos permitiam, mais alto do que acreditavam...

Não podemos esperar mais, sabemos que podemos agir, afinal:

Reunidos

Nada nos impedirá

A luta contra o preconceito

Já começou!

Vocês que nos ignoravam

Hoje terão que saber que

Antes não tínhamos voz, mas agora gritamos por nossos direitos!

Natasha Rebeca – São Paulo

Se você tiver entre 15 e 29 anos
e quiser fazer parte
da Rede Nacional
de Adolescentes e Jovens
Vivendo com HIV/Aids (RNAJVHA)
mande um e-mail para:
alcantarawallace@hotmail.com

CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO DOS ADOLESCENTES E JOVENS VIVENDO COM HIV/AIDS

Nem a ciência, nem o Movimento Social de Luta contra a Aids, teria imaginado que as crianças “Órfãs da Aids”, como se dizia, chegariam tão longe. E aí estão, clamando por resoluções imediatas para suas urgentes demandas.

Foi percebendo este clamor que em 2006, o GIV e o Grupo Pela Vidda Niterói propuseram e organizaram o I Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids, carinhosamente denominado “Vivendinho” por ter sido realizado na véspera do XIII Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids – O “Vivendo”, no Rio de Janeiro. Porém esta denominação logo teria sido rechaçada para não limitar a abrangência do tema à órbita do debate formatado pelos adultos, detentores do saber do Movimento Social de Luta contra a Aids.

A partir do III Encontro Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids, em Belo Horizonte, estes encontros começam a ser totalmente organizados pelos jovens, que desde então, escolhem os temas, as metodologias e as dinâmicas que serão aplicadas.

É admirável a maneira corajosa com que mergulham nas suas próprias questões, mesmo que dolorosas! Tocam a própria ferida. Viram-se ao avesso... Mas não se sujeitam a reforçar o discurso de vítima ou de permanecer na posição de “coitadinhos”, como alguns disseram, que precisam de proteção e cuidado indefinidamente.

É muito visível a diferença entre as histórias dos jovens que viveram em Casas de Apoio e os que permaneceram na família (ou no que restou dela); entre os jovens infectados por transmissão vertical e os que, já na iniciação sexual, se tornaram portadores do vírus

HIV. De toda maneira, os jovens infectados por transmissão vertical, vindos de casas de apoio ou não, sempre estiveram sob uma redoma super protetora e, agora, despreparados, vivem a dificuldade na transição para a vida adulta e se chocam com a realidade. Os outros já vêm cajeados com suas histórias de rejeições recorrentes. Mas todos se percebem na mesma história. Sabem que é única a sua pauta. Tem especificidades aqui e ali, em questões de orientação sexual ou drogadição, mas se igualam na luta pelo acesso a um tratamento mais digno e pela visibilidade às suas reivindicações.

DO ENCONTRO PROPRIAMENTE DITO

Já existe uma linha de atuação, com representações a nível nacional. A carência de uma articulação a nível mais local foi o que sinalizou a necessidade da realização do I Encontro Regional. É como se tivesse havido uma construção em uma ordem inversa, devido a Rede Nacional de Jovens Vivendo com HIV/Aids ter sido criada a partir da identificação de demandas específicas que a RNP+ - Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids – não contemplava.

Neste primeiro encontro, pudemos identificar os jovens que já atuam em diversas instituições, em diversas ações com objetivo de congregar mais jovens para este espaço de discussão e reflexão.

É preciso garantir a eles este espaço e esta voz, com a menor interferência possível da ótica do adulto.

É bem verdade que nós, colocamos muita expectativa neles, a ponto de achar que vão dar conta de consertar todos os erros que cometemos, sem lhes permitir o direito de cometer seus próprios erros. É um processo no qual também estamos inseridos, tendo que aprender a lidar com estas diferenças geracionais. Não podemos ficar todo o tempo achando que sabemos o melhor caminho ou a melhor maneira para atingir os objetivos deles.

Gostei muito que tenhamos ficado como coadjuvantes, fazendo relatoria ou no suporte logístico e financeiro, mas anseio pelo dia que mesmo isso não seja mais necessário.

Percebi que a metodologia que mais funciona é aquela que propicia o diálogo mais próximo, de igual para igual entre os jovens e entre estes e os “facilitadores”. Quando se trata de “mesa” de apresentação ou palestra, a atenção é dispersa. Fica evidente a distância entre ouvintes e representantes como se houvesse uma hierarquia de saberes. É um formato desgastado que não apresenta mais qualquer atrativo. Mesa – só se for redonda!

Tentei manter-me ao máximo como observadora. Não tinha a intenção de ser “babá” ou vigiar cada passo de cada um; colocar pra dormir, chamar pela manhã, dar remédio na boca... Cada um tomasse conta de seus horários e arcasse com as consequências de seus atos... Mas aproveitassem a oportunidade de conhecer pessoas, fazer novos amigos e não permitissem a condução de ninguém.

Acredito que alguns tiram grande proveito destes encontros, porém muitos não têm ainda preparo para permanecer muito tempo fora de casa, sem as ordens dos cuidadores.

Entre eles mesmos, há uma cobrança muito rigorosa quanto ao comportamento perante os colegas, nas “paqueras” e nas brincadeiras. Enquanto representantes de uma instituição, condenam de forma veemente aquele que “sai da linha”.

Cheguei a pedir que relatassem as atividades, mas não em um relatório técnico, mas que documentassem seus sentimentos e impressões.

**Olá a todos,
Ontem foi o último dia do Encontro Regional Sudeste, foi um encontro muito bom e muito diferente. Fiquei muito feliz que várias pessoas farão parte do e-group, por isso desejo a todos que sejam muito bem vindos. Vamos construir juntos sempre, para a mudança nas vidas das pessoas com HIV e para o fortalecimento dessa Rede que a cada dia construímos uma parte.
Micaela Cyrino*

Alguns ainda acham que fazer relatório, como um dever de escola, é para provar a presença em tal palestra, em tal horário. Não percebem a necessidade desta observação para eles mesmos; para identificarem o que mais os mobiliza.

Pelos relatos, a maioria demonstrou muita identificação com a exposição dos jovens sobre Casas de Apoio. Percebem nas histórias de todos, um grande potencial para lutar pela sobrevivência e por ideais e vêem nisto um exemplo a ser seguido. Uma das jovens chegou a escrever que - “choramos de barriga cheia” - comparando as condições dos serviços a que tem acesso com os relatos de desrespeito, de onde não há um programa estruturado para atendê-los adequadamente.

Todos, sem exceção, admitem o turbilhão de emoções provocadas pelas oficinas das máscaras, da dança, da percussão e de grafite e, principalmente, a de “Projetos de Vida” ministrada pela Camila Pinho.

Temos colhido muitos desdobramentos desta experiência, inclusive pelo encaminhamento solicitado por eles para terapias individuais. Aceitaram o desafio de aprofundar estes questionamentos.

O que, a meu ver, fica muito claro é que é um Movimento bem peculiar. Nós não somos “fomentadores” de nada. Não ensinamos nada. Temos que ter humildade para ouvir e entender muito “mais do que com olhos e ouvidos”, como disse Domiciano Siqueira, na dinâmica sobre drogas. De outro modo, nós é que perdemos o bonde. Precisamos sair da pose de “bonzinhos” que damos vez, damos voz, damos liberdade... Tudo é conquista!

Jaci Carioca Sampaio
Grupo Pela Vidda Niterói

DEMANDAS DA REGIÃO SUDESTE

Durante o Encontro foram discutidas, pelos jovens participantes, demandas e propostas para seus Estados.

São Paulo

- Que o Programa de formação de Jovens Lideranças seja pensado localmente;
- Que os jovens vivendo com HIV/Aids tenham seus direitos sexuais e, principalmente, reprodutivos respeitados;
- Que seja pensada uma política específica para crianças e adolescentes que moram em casa de apoio, para que a saída desta seja feita de forma menos problemática.
- Que haja a possibilidade da participação dos jovens vivendo com HIV/Aids no SPE e que o mesmo seja conduzido de maneira eficiente;
- Que a relação dos jovens vivendo com HIV/Aids e os profissionais da saúde seja horizontal e que o jovem seja tratado no todo. Que os profissionais sejam capacitados para trabalhar com a população jovem.

Rio de Janeiro

- Que os adolescentes e jovens vivendo com HIV/Aids tenham acesso aos serviços descritos na portaria de lipodistrofia;
- Que os jovens vivendo com HIV tenham seus direitos sexuais e reprodutivos respeitados;
- Atenção aos direitos dos adolescentes e jovens no que diz respeito ao conhecimento de sua sorologia;
- Que sejam criados espaços para adolescentes e jovens vivendo com HIV/Aids, e que haja aumento do número de profissionais para atendê-los no Hospital Municipal Carlos Turtelly e Hospital Pedro Ernesto;
- Necessidade de um encontro de jovens vivendo no RJ para integração dos jovens positivos e profissionais da área da saúde e outras;
- Que haja capacitação e humanização periódica dos profissionais de saúde em relação ao atendimento de adolescentes e jovens vivendo com HIV.

Espírito Santo

- Maior iniciativa pública e privada no estímulo ao trabalho dos jovens ativistas;
- Que a saúde e assistência social trabalhem juntas na questão das Casas de Apoio e que o trabalho seja voltado à transformação social do usuário;
- Que os adolescentes e jovens vivendo com HIV/Aids tenham acesso aos serviços descritos na portaria de lipodistrofia;
- Que haja um apoio mais efetivo das esferas municipais e estaduais para fortalecimento da RNAJVHA e articulação com estes órgãos para captação de apoios e recursos para eventos, representações, dentre outros necessários.
- Parcerias com as ONG e OSC.

Minas Gerais

- Criação de um espaço no governo para manifestação das necessidades e falas do movimento jovem;
- Desenvolver ambientes de convivência de jovens positivos dentro de hospitais;
- Criar redes locais de jovens para apoiar uns aos outros em municípios e cidades vizinhas dentro do estado de Minas Gerais;
- Capacitação de profissionais da área de saúde e educação para saber como receber os jovens que vivem com HIV/Aids;
- Criar espaços para se pensar como influenciar nos projetos e programas do governo e aqueles que precisamos.

EM BONS MOMENTOS

NÃO PUDE

CONTER MEUS

OUTROS PENSAMENTOS DE

NÃO QUERER OUIR

TANTAS PESSOAS QUE SÃO TÃO

REALIZADORAS, OINDO ASSIM DE

OUTRAS REGIÕES...

DEPOIS DE UM LINDO MOMENTO DE GRANDE

AFETO EM MUITAS COISAS...

REALMENTE FORAM

ENCAIXANDO-SE AOS POUCOS UMAS ÀS OUTRAS ENTÃO

GUARDEI UMA COISA QUE É

INEXPLICAOELMENTE

ANIMADORA, EM

OUTRAS PALAORAS, DIGO QUE...

SOU UMA PESSOA MUITO

UTIL EM TERMOS DE PODER LHES

DIZER QUE FICO LISONJEADO DE

ESTAR AQUI COM TODOS E TODAS AS PESSOAS

SORPOSITIVAS E NEGATIVAS

TAMBÉM SINTO-ME ASSIM

ESPECIALMENTE GRATO PELO ESPAÇO!

Kleyton T. de Souza Rolim
GIV- Grupo de Incentivo à Vida e Projeto Esperança
São Paulo

Fazia tempos que eu não participava de um encontro tão proveitoso...
Valeu Sudeste!!!!
Beijo para todos(as) que lá estiveram...Fui!

T.B.

MAIS UMA VEZ ESTOU AQUI

PARA TE LEMBRAR

DESTA LUTA LINDA

QUE OAMOS REPRESENTAR

SOU MAIS UMA PROVA VIDA DA REVOLUÇÃO

ERA CHEIO DE PRECONCEITO

HOJE NÃO SOU NÃO

HOJE SOU OUTRA PESSOA

GOSTO DE CANTAR

OU PASSA A OISÃO

PARA QUEM QUER ESCUTAR

NO ANO PASSADO EU PASSEI UMA OISÃO

QUE HIO NÃO É DOENÇA É UM VÍRUS MEU IRMÃO

AGORA OU DIZER PRA QUEM CHEGOU AGORA

SUA OIDA NÃO ACABOU

ELA OAI COMEÇAR AGORA

EU OU DEIXAR BEM CLARO

A MINHA MISSÃO

FALAR PRAS GERAL QUE NÃO SOMOS LIXO NÃO

EU FALO POR MIM E PELOS MEUS IRMÃOS

NÃO QUERO ESCLUSIOIDADE E MUITO MENOS EXCLUSÃO

POR MIM EU PARO AGORA

PRA NÃO COMEÇAR A FALA

NESTA PORRA TODA QUE O HIO OEIO ME CAUSAR

HOJE TÔ AQUI SÓ PRA TE LEMBRAR

DST É UMA MERDA MAIS NÃO OAI ME MATAR

Willian da Cruz Amâncio
Rio de Janeiro

Experiência no Encontro de Adolescentes e Jovens - Sudeste

Olá pessoal. Li, há algum tempo, um ditado árabe que diz que amigos são como os grãos nas tempestades de areia, pois quanto mais juntos, faz com que a tempestade fique mais devastadora e visível. Então, comecei com esse ditado, pois foi o que pude ver e conhecer neste meu 1º Encontro da Rede que, realmente, quanto mais juntos, mais forte a amizade e os Jovens ficam.

Observei que o espírito de amizade, grupo, companheirismo e solidariedade prevalecem e muito. Em meio a tantas “vírgulas” que temos na vida, não podemos nos entregar, nos dar por vencidos. Presenciei, naquele final de semana com “grandes novos amigos”, histórias que, com certeza, vão além do que qualquer pessoa que convive ou não com pessoas soropositivas podem imaginar ou sequer acreditar. Aprendi com essas “histórias”, lições de vida que vão além do que eu poderia imaginar, casos que desacreditava.

A Rede tem seu “pseudo” de Adolescentes e Jovens, porém, são pessoas inteiramente maduras, inteligentes, pessoas de grande e forte raciocínio social, político e intrapessoal. Espantei-me ao ver um adolescente debatendo até mais do que um adulto, um adolescente com um poder crítico maravilhoso, uma maturidade fora do normal, um adolescente que hoje em dia, com certeza, pensa e age melhor do que muitos adultos. Guardarei deste encontro todas essas histórias e lições, que, com certeza, irão me engrandecer pessoalmente e profissionalmente.

Percebo agora, mais ainda, o quanto é importante a conscientização da sociedade com as causas sociais deste país; peço aos amigos e amigas que jamais deixem que essa amizade, força, garra termine.

Fiquei super satisfeito em ver nos debates o senso de justiça e luta pela causa; os jovens da rede não encaram HIV/AIDS como

uma “Maldição”, como vejo e tenho contato com muitos adultos e, sim, encaram como uma doença na qual se precisa de um controle medicamentoso diário, assim como outra.

Vejo nos Jovens uma diferença enorme para com os mais velhos, eles não deixam a vida parar, eles seguem correndo atrás de um futuro como qualquer pessoa normal, não se sentem lesados ou rebaixados, sentem aí uma forma de poder lutar mais e ter mais vontade de vencer na vida, pois ainda há muita coisa que possa ser feita e é isso que eles querem: justiça, igualdade, esperança, direitos, humanismo.

Já chegou a hora de acabar de vez com esse preconceito da sociedade. Por que tanto preconceito com o HIV/Aids? Existem doenças e tragédias maiores no mundo para qual devemos realmente preocupar-nos. É hora ou até passou da hora de unirmos forças, soropositivos, sorodiscordantes, adultos, jovens, ricos, pobres, brancos, negros, não importa a etnia ou procedência, passou da hora de nos unirmos todos contra o preconceito de modo geral, seja ele qual for.

Assim como as aves, temos que, “de bicada em bicada”, eliminarmos todo este preconceito da sociedade perante todos os casos e conseguirmos o que realmente nos importa; a igualdade e o respeito. Então pessoal, fica aqui meu pleno e nobre agradecimento por este encontro, espero muito poder fazer deste apenas o primeiro de muitos outros que virão e saibam que daqui irei fazer o possível e impossível para ajudar nesta luta pela igualdade e contra o preconceito.

Um grande abraço a todos e, mais uma vez, obrigado a toda coordenação do evento para este convite!

Nikollas Adams
Centro de Apoio e Solidaried’Aids - Grupo CASA-
Juiz de Fora

Projeto de Vida, juventude e aids

Ser jovem e descobrir-se vivendo com uma doença incurável e causadora de tanto preconceito é como em uma receita de bolo: se bem dosado, o fermento pode fazer o bolo crescer. Se em excesso, pode estragar a massa e significar o fracasso da receita. Assim como o fermento ao bolo, quando o indivíduo se descobre portador (...) pode transformar o HIV em um ingrediente para enriquecer seu projeto de vida, bastando saber utilizar esse desafio a seu favor.

A juventude traz consigo transformações significativas e é caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. É um período onde o jovem defronta com questões como ‘quem sou?’, ‘para onde vou?’, ‘o que quero para minha vida?’, entre tantas outras. Questões que remetem à identidade pessoal e ao projeto de vida, dois pontos decisivos e interligados durante esta fase de amadurecimento. Dois pontos decisivos para que o jovem determine qual é o seu lugar no mundo e na sociedade.

É o conhecimento de si mesmo e da realidade a sua volta que orienta as escolhas. A partir do momento em que o jovem consegue ter discernimento para fazer escolhas, começa a elaborar seu projeto de vida. O projeto de vida pode ser entendido como o ato de um indivíduo escolher um dentre os futuros possíveis. Esta escolha será capaz de transformar o seu sonho em uma realidade passível de ser perseguida, representando assim uma orientação, um rumo de vida.

A confiança em si mesmo é elemento fundamental para concretizar um projeto de vida. Para que o jovem esteja preparado para fazer escolhas é necessário que lhe tenha sido proporcionado espaços, tempos e relações de qualidade para o desenvolvimento de suas potencialidades e auto-estima. Mas isso nem sempre é possível.

Neste sentido, é essencial que o jovem desenvolva em seu processo de amadurecimento a capacidade de ser resiliente. A resiliência é um conceito oriundo da física, que se refere à propriedade de que são dotados alguns materiais de acumular energia quando exigidos ou submetidos a estresse sem ocorrer ruptura. A psicologia tomou essa imagem emprestada da física definindo resiliência como a capacidade do indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas – choque, estresse, etc. – sem entrar em surto psicológico. A capacidade do jovem em ser resiliente garante que um obstáculo seja sinônimo de enfrentamento e superação, não de desistência ou descrença em si próprio. Se a autoconfiança pode ser abalada, pode ser também reconquistada.

Estar nesta etapa da vida já é em si grande provação. Ser jovem e descobrir-se vivendo com uma doença incurável e causadora de tanto preconceito é como em uma receita de bolo: se bem dosado, o fermento pode fazer o bolo crescer. Se em excesso, pode estragar a massa e significar o fracasso da receita. Assim como o fermento ao bolo, quando o indivíduo se descobre portador (quer tenha sido infectado pela via vertical - através da mãe, quer tenha sido adquirido pela via horizontal - através do sexo, do uso de droga injetável, do contato com sangue contaminado) pode transformar o HIV em um ingrediente para enriquecer seu projeto de vida, bastando saber utilizar esse desafio a seu favor. Tudo vai depender da importância que ele dá a este fato.

É possível identificar duas épocas diferentes de vivência da aids. Na década de 80, no início da epidemia, ser diagnosticado positivo para o vírus HIV era quase como um atestado de óbito, sinônimo de morte. O maior desafio era pela sobrevivência. Com os avanços da ciência e com a luta de movimen-

tos sociais, vieram os medicamentos antirretrovirais: a doença deixou de ser uma doença mortal para ser uma doença crônica. Assim, é possível compreender que o maior desafio hoje em se viver com o HIV/Aids é o preconceito, não só o que parte das outras pessoas, mas também o que nasce dentro de cada jovem que vive com o vírus.

No primeiro momento, a aids causa medo, revolta, desespero. Leva o jovem à desistência de planejar seu futuro e à descrença em sua capacidade de sobreviver, lutar por seus objetivos e enfrentar o preconceito. Muitas vezes o faz cair em depressão, agravando seu estado de saúde e adiando ainda mais a construção de seus caminhos rumo à realização de seus desejos. A contribuição das pessoas a sua volta, sejam familiares, amigos ou pessoas que lutam pela causa é essencial para que o jovem faça da doença um detalhe e não o único motivo de existência.

Levando-se em conta que, devido à discriminação, a maioria dos jovens tem suas relações sociais abaladas, saber da existência de uma Rede que reúne adolescentes e jovens do Brasil¹ que estão numa mesma situação é a oportunidade de reencontrar, em grupo, a auto-estima perdida. Um grupo contribui para o auto-conhecimento e auto-afirmação do jovem. Saber que existe outro que está tomando medicamentos antirretrovirais, ou que convive com o preconceito da família, ou que perdeu os pais com aids, ou perdeu os amigos pela discriminação, contribui para que haja uma troca de experiências e, assim, a superação em conjunto. Se há um grupo reunido por esta mesma causa, o fortalecimento é cíclico: as experiências do indivíduo fortalecem o grupo, que por sua vez fortalece o indivíduo, e assim continuamente. Tendo ou não o apoio da família e amigos, é importante para a vida de qualquer jovem poder contar com um espaço onde há outros jovens vivenciando situações como as dele, inclusive em relação ao se viver com aids.

Gostei muito dos temas deste evento, a organização foi muito feliz em escolher os temas, pois as oficinas e palestras atingiram de forma diferentes cada jovem ali presentes, com poucas politicagem, ideal para jovens que descobriram a sorologia há pouco tempo, e os que participaram pela primeira vez de um evento, e um pouco de política para os demais jovens da Rede.

Resumindo: Parabéns mais uma vez a todos da Organização e parabéns a todos que participaram deste Grandioso encontro, e bem vindos a todos!!!!

Bj

W.P.

Encarar a aids de frente depende ainda da capacidade individual. Para além das relações de grupo, é necessário que o jovem que vive com HIV/Aids se coloque diante da doença com firmeza e sem temor. Não é simples tomar medicamentos e enfrentar suas reações. Não é fácil conviver com sua imagem diante do espelho se seu corpo, além das transformações da juventude, já desenvolveu a lipodistrofia². É pesado quando se é abandonado pelo(a) namorado(a) quando ficam sabendo da aids. Contudo, a partir do momento em que o jovem se defronta com o HIV/Aids e encara a doença como uma parte do processo do “viver”, e não como seu norteador, se torna capaz de superar as situações difíceis e lutar pelos seus sonhos.

A elaboração de um projeto de vida é fruto de um longo processo de aprendizagem. Os maiores desafios são saber discernir o melhor caminho e ser capaz de lidar com os obstáculos sem desistir. Percalços, situações inesperadas, golpes de sorte, temperam as opções de vida. Na vida desses jovens, o HIV/Aids existe e traz consigo conseqüências. O importante é não fazer da doença um obstáculo intransponível.

Camila Gonçalves, jovem vivendo com HIV/Aids de Belo Horizonte/MG. Integrante da RNAJVHA.

1 Rede Nacional de Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/Aids (RNAJVHA).

2 Em síntese, é a distribuição irregular de gorduras no corpo, causada pela ingestão dos medicamentos antirretrovirais e mesmo pelo HIV/Aids.

Direitos Sexuais e Reprodutivos para jovens que vivem com HIV e AIDS.

Aproveito a oportunidade da escrita deste texto para contar aos/as jovens que vivem com HIV e aids que fiz uma pesquisa qualitativa a respeito da temática dos direitos sexuais e reprodutivos, maternidade e paternidade. Foram entrevistados 17 jovens que “vivem e convivem” com HIV e aids. Com a ajuda dos entrevistados/as pude pensar vários pontos importantes que, agora, devolvo para os jovens e também para as pessoas adultas que fazem trabalho nesta área, com a esperança de que possamos transformar a realidade que temos no momento.

Direitos Sexuais e Reprodutivos?

A maioria dos jovens não conhecia a expressão “**direitos sexuais e reprodutivos**”. Foi possível observar que os jovens que tinham um pouco mais de conhecimento sobre o tema eram soropositivos que são militantes. O único soronegativo que sabia algo a respeito de direitos sexuais e reprodutivos é também militante e parceiro de uma garota soropositiva. Nas reflexões, tentativas de respostas, em dois casos observamos a associação de direitos sexuais com a homossexualidade....

Direitos Sexuais e Reprodutivos eu acho que já ouvi na parte de homossexualismo, mas na área de HIV/aids eu nunca ouvi...(mulher, soronegativa, 22 anos)

Em linhas gerais os **direitos sexuais** envolvem a possibilidade de escolher livremente **se, quando, como e com quem** se deseja estabelecer relações sexuais. Isso inclui os direitos de homossexuais masculinos e femininos, travestis e de pessoas que vivem com HIV/aids. Enfim, os direitos sexuais incluem os gays, mas se referem às mulheres e aos homens, inclusive mulheres e homens jovens portadores de HIV/aids.

Os direitos reprodutivos envolvem a autonomia e as condições subjetivas e objetivas para decidir **se, quando, como e com quem se deseja (ou não) ter um filho**. Envolve, portanto o acesso ao planejamento reprodutivo que inclui a contracepção (fazer sexo sem engravidar) e o apoio para o planejamento de uma gestação quando desejada. Temos aqui também, os direitos de pessoas que vivem com HIV/aids.

Este ponto é importante porque existe o desejo da maternidade e paternidade, mas com frequência mesmo entre os militantes existem dúvidas importantes. É preciso que todos/as saibam que existem possibilidades para que homens e mulheres soropositivos possam ter bebês sem HIV e sem se re-infectar ou sem que um parceiro(a) soronegativo fique infectado (a). É importante também que cada pessoa possa encontrar um espaço afetivo, acolhedor e sem preconceitos para refletir sobre os sentidos da maternidade e da paternidade, sobre as demandas de cuidados trazidas por um bebê.

Vale a pena também analisarmos que, se jovens que tem acesso a ONG e movimentos (lugares nos quais circulam informações) têm tantas dúvidas, como estarão os jovens que não tem espaço para troca de informações e sentimentos?

Este quadro merece reflexão, principalmente de um movimento que tem por objetivo o fortalecimento dos jovens que vivem e convivem com HIV/aids. Como estar fortalecido para o exercício da sexualidade e da vida reprodutiva sem saber que esta esfera da existência também envolve direitos humanos? Sem ter informações e apoio para tomar decisões centrais em suas vidas? Sem encontrar em ONG, grupos e serviços de saúde mais

espaço para falar, pensar e sentir tudo que envolve, revelar (ou não) sua soropositividade, exercer a sexualidade, construir perspectivas de vida, lidar com adoecimentos, perdas, fantasmas, preconceitos, projetos, dúvidas, medos, desejos e sonhos?

Neste estudo, um aspecto interessante abordado por duas jovens nos deixa perceber que elas têm direitos porque sabem que os direitos existem! Ante deste conhecimento, elas não se consideravam como sujeitos de direitos:

Eu tenho direitos sexuais e reprodutivos, porque... eu tenho porque... ah...eu tenho, acho que é por eu saber, sabe?
(jovem soropositiva 22 anos)

Não seria este um bom caminho? Contribuir para que os/as jovens descubram que têm direitos, propiciar que conheçam seus direitos e que encontrem orientação e formação para que façam escolhas conscientes e planejadas? O exercício da nossa sexualidade e vida reprodutiva não precisa estar nas mãos do acaso! Pode estar em nossas mãos, no conhecimento do corpo, dos desejos, das possibilidades e limites de cada momento de nossas vidas. Enfim, ter direitos sexuais e reprodutivos significa ter direitos humanos, acesso à saúde e educação para pegar o lápis, desenhar e colorir a vida com as próprias mãos.

Elisabete Franco Cruz
Professora da EACH/USP
GIV – Grupo de Incentivo à Vida

Saudades jah...
O Encontro foi muito bom realmente, adorei.
Abraços e beijos a todos.
E obrigado por todas as experiências que tive nesses quatro dias.

S. C.

Nossa! Na verdade, não tenho palavras para descrever esse 1º encontro regional do Sudeste. Foi muito bom, reencontrei pessoas maravilhosas e conheci pessoas novas com tanta vontade que fico cada vez mais estimulada a lutar, estou extremamente feliz. Quero parabenizar a comissão organizadora e dizer que nesse evento tudo foi diferente saímos da rotina de só ouvir e ouvir e quase não falar: TUDO foi maravilhoso. Teve palestras que nem vimos a hora passar. Foi tudo muito bom!!!!!! Quero repeteco... rrsrrrs..... Amo todos!!!!!! Cada um tem um lugar em meu coração. Como disse venho mudando em cada encontro que participo e não é só na mudança física e pessoal, e sim também a sentimental, agradeço a REDE vocês fazem parte dessa mudança em minha vida!!!!
UM grande abraço

R. N.

Um Olhar Além

Somos rotulados como Adolescentes Positivos, mas descobri que podemos ser mais do que HIV. Temos capacidade suficiente para sermos reconhecidos por nossas habilidades. Não precisamos ganhar dinheiro apenas dentro de ONGs fazendo projetos sociais. Trabalhar com isso é essencial para o próprio crescimento, mas não deve ser o único recurso de um adolescente Positivo.

Temos talentos e dons e são essas coisas que nos devem fazer acreditar que podemos sonhar. Devemos projetar nossas vidas além do HIV, algo que nos faz pensar grande, pensar longe, pensar alto.

Uns sabem escrever, outros sabem cantar, outros são ótimos desenhistas, assim logo percebemos que podemos tirar recursos de outros lugares. Temos que acreditar em nós, acreditar que somos capazes, que somos inteligentes o bastante. Não podemos deixar as pessoas nos resumirem apenas na doença que temos. Afinal viver com ela não significa ser ela.

Natasha Rebeca
GIV – Grupo de Incentivo à Vida
São Paulo

Atividades do GIV – PROGRAME-SE

EVENTOS ABERTOS AO PÚBLICO

Reunião de Novos: Todas as Quartas-Feiras das 19:45 às 21:45 h.

Reuniões de Integração: Últimas Quartas-Feiras do mês das 19:45 às 21:45 h. Para participar, é preciso ter feito a Reunião de Novos.

EVENTOS EXCLUSIVOS PARA ASSOCIADOS		
EVENTO	DIAS	HORÁRIO
GVT	Segundas-Feiras	20:00 às 22:00
Plantão Terapêutico	Segundas-Feiras	19:00 às 22:00
Psicoterapia Individual	Segundas-Feiras	18:00 às 21:00
Psicoterapia Individual	Quartas-Feiras	18:00 às 21:00
Psicoterapia de Grupo	Terças-Feiras	20:30 às 22:00
Reike	Quartas-Feiras	19:00 às 21:00
Reunião de Novos	Quartas-Feiras	19:45 às 21:45
Reunião de Integração##	Quartas-Feiras	19:45 às 21:45
Somos*	Quintas Feiras	20:00 às 22:00
Palestras##	Quintas Feiras	20:00 às 21:45
Curso Informática	Terças e Quintas-Feiras	16:00 às 19:00
Curso Informática	Terças e Quintas-Feiras	19:00 às 22:00
Viver Criança##	Sábados	14:00 às 17:00
Festa Aniversariantes	Último Sábado do mês	18:00 às 22:00

* Atividade Quinzenal

Atividades que normalmente ocorrem uma vez ao mês.

Qualquer dúvida contatar a secretaria - Fone 5084.0255 / 5084.6397

Atividades gratuitas para os membros do grupo.

Realização:



Apoio:



Financiamento:



UNODC
Escritório das Nações Unidas
sobre Drogas e Crime



**DST-AIDS
HEPATITES VIRAIS**



**Ministério
da Saúde**

